

CONFLITO DE CLASSES E DEPRESSÃO ECONÔMICA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 08.02.1983

Os recentes movimentos operários na Mercedes-Benz, na Scania Vabis e na Cobrasma diante da ameaça ou do fato da demissão de trabalhadores nos leva a discutir alguns problemas centrais da sociedade em que vivemos. Um tema óbvio a respeito é o direito ao trabalho, que todo trabalhador tem, mas que as sociedades capitalistas modernas, com parcial exceção do Japão, negam. Outro, na falta do direito ao emprego, é a necessidade do auxílio-desemprego, que as sociedades capitalistas em geral garantem, mas que no Brasil não existe. Nas sociedades pré-capitalistas o direito ao trabalho estava automaticamente assegurado, porque os trabalhadores eram em geral autônomos. Nas sociedades industriais, em que trabalho é emprego em empresas, surge o problema de assegurar esse direito elementar de qualquer cidadão: trabalhar para sobreviver.

Outro tema que aqueles acontecimentos suscitam é o do próprio conflito de classes. Para assegurar seus direitos jamais restou outra alternativa às classes dominadas senão a luta de classes. O êxito dessa luta nem sempre foi significativo, mas o cerco é que nenhuma conquista é possível sem luta.

Nas sociedades capitalistas modernas a luta de classes tem apresentado duas características que a tornam um elemento de aperfeiçoamento e transformação da própria sociedade. De um lado foram encontrados veículos institucionais para essa luta que a tornaram mais racional e objetiva. De outro, percebeu-se que as relações entre capitalistas e trabalhadores não são necessariamente um jogo de soma zero, mas podem ter uma soma maior do que zero.

Os veículos institucionais para a luta de classes são os sindicatos, os partidos políticos populares, geralmente social-democratas, a legislação trabalhista e os mecanismos de negociação coletiva.

Esses veículos institucionais são, todavia, pouco eficientes se as relações entre capitalistas e trabalhadores forem sempre um jogo de soma zero, no qual quando um

ganha o outro perde. Historicamente o que se verificou foi que esse jogo, graças ao desenvolvimento econômico, podia ter uma soma maior do que zero, ou seja, podia ser compatível com a manutenção da taxa de lucro e o crescimento da massa de lucros, ao mesmo tempo em que a taxa de salários (salário médio) aumentava à medida em que aumentava a produtividade.

O grave, no presente momento, é que o conflito de classes no Brasil é um jogo de soma menos do que zero. Dada a depressão em que está imersa a economia, trabalhadores e capitalistas perdem. O problema é saber quem perde mais.

De um modo geral, são naturalmente os trabalhadores e a classe média assalariada aqueles que perdem mais, porque estão perdendo seus empregos e vendo reduzidos seus salários e ordenados. Mas também os capitalistas, especialmente os empresários vitimados por altas taxas de juros, estão perdendo muito. Apenas os rentistas, que vivem dos juros, estão ganhando.

Neste quadro, o conflito de classes tende a ser cada vez mais duro, e cada vez mais suas perspectivas de solucionar os problemas são menores. É inútil ou pouco produtivo, entretanto, fazer apelos à participação. Faz muito mais sentido tomar as medidas necessárias para tirar a economia brasileira da atual depressão econômica.(08/02)